

A narração esportiva radiofônica como prática esgotada: provocações sobre limites técnicos

La narración deportiva radiofónica como práctica agotada: provocaciones sobre límites técnicos

The Radio Sports Commentary as an Exhausted Practice: Provocations on Technical Limits

Ciro Götz

Resumo

O artigo analisa a trajetória da narração esportiva radiofônica no Brasil, desde os anos 1920 até a atualidade, propondo a hipótese de que essa prática teria atingido seu limite técnico. Com base em Götz (2020), divide-se a evolução em três fases: desbravadora, paradigmática e contemporânea. O estudo compara as performances dos narradores Fiori Gigliotti, Osmar Santos e Rogério Assis, observando elementos como estilo vocal, bordões, ritmo narrativo e condução do clímax. Conclui-se que, apesar de diferenças individuais, a estrutura da narração permanece essencialmente a mesma. Assim, a narração não está em declínio, mas demonstra sinais de estagnação técnica.

Palavras-chave: Narração esportiva; Rádio; Estagnação técnica; Comunicação; Mídia sonora.

>> Informações adicionais: artigo submetido em: 10/05/2025 aceito em: 04/08/2025.

>> Como citar este texto:

GÖTZ, Ciro. A narração esportiva radiofônica como prática esgotada: provocações sobre limites técnicos. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 02, p. 319-352, mai./ago. 2025.

Sobre a autoria

Ciro Götz

cirogutz@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2824-4117>

Doutor e Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Jornalista pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2007. Radialista pela Fundação Educacional e Cultural Padre Landell de Moura (Feplam), 2006. Foi docente das disciplinas de Radiojornalismo no Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina (IELUSC), em 2016. É autor do livro *As Vozes do Gol - história da narração de futebol no rádio de Porto Alegre*, 2020. Tem interesse, ainda, em demais áreas do radiojornalismo esportivo e música.

Resumen

El artículo analiza la trayectoria de la narración deportiva radiofónica en Brasil, desde los años 1920 hasta la actualidad, proponiendo la hipótesis de que esta práctica habría alcanzado su límite técnico. Con base en Götz (2020), se divide la evolución en tres fases: pionera, paradigmática y contemporánea. El estudio compara las performances de los narradores Fiori Gigliotti, Osmar Santos y Rogério Assis, observando elementos como estilo vocal, frases características, ritmo narrativo y conducción del clímax. Se concluye que, a pesar de las diferencias individuales, la estructura de la narración permanece esencialmente la misma. Así, la narración no está en decadencia, pero muestra signos de estancamiento técnico.

Palabras Clave: Narración deportiva; Radio; Estancamiento técnico; Comunicación; Medios sonoros.

Abstract

The article analyzes the trajectory of radio sports commentary in Brazil, from the 1920s to the present day, proposing the hypothesis that this practice may have reached its technical limit. Based on Götz (2020), the evolution is divided into three phases: pioneering, paradigmatic, and contemporary. The study compares the performances of commentators Fiori Gigliotti, Osmar Santos, and Rogério Assis, examining elements such as vocal style, catchphrases, narrative rhythm, and the construction of climactic moments. It concludes that, despite individual differences, the structure of sports commentary remains essentially the same. Thus, while not in decline, the practice shows signs of technical stagnation.

Keywords: Sports commentary; Radio; Technical stagnation; Communication; Audio media.

Introdução

A transmissão protagonizada por Nicolau Tuma pela Rádio Educadora Paulista, no jogo entre combinados de São Paulo e Paraná, em 19 de julho de 1931, é considerada, segundo Soares (1994), a pioneira das irradiações futebolísticas contínuas, ou seja, sem interrupções. No entanto, autores como Mostaro e Kischinhevsky (2016) e Guimarães (2020) indicam que experiências de narração já ocorriam no Brasil desde meados da década de 1920. Tomando

a façanha de Tuma como marco simbólico, ainda que não absolutamente preciso ou consensual, em 2025, a narração esportiva radiofônica brasileira completa 94 anos de trajetória. Isso revela que a locução de partidas de futebol surgiu quase simultaneamente ao próprio rádio no país, cuja origem remonta a 1919, com a fundação do Rádio Clube de Pernambuco, no Recife.

O processo evolutivo da prática está intrinsecamente ligado e influenciado pelas transformações do rádio nos campos econômico, social e político, especialmente no contexto do século XX. Foi nesse panorama, ao longo de 69 anos (entre 1931 e 2000), que surgiram e se consolidaram as técnicas que ainda hoje servem de base para a performance dos profissionais da narração. Segundo Götz (2022), a locução atual é fruto de um processo de aperfeiçoamento que começou nos períodos desbravador e paradigmático da narração de futebol. No primeiro (a partir dos anos 1930), predominava um estilo mais lento e descriptivo, que evoluiu nos anos com o surgimento de narrativas mais rápidas, emotivas e criativas.

Já no período paradigmático (1960–1990), houve uma sofisticação dos recursos anteriores, com maior velocidade na fala e fusão de estilos. A qualidade técnica das transmissões melhorou, o narrador passou a assumir um papel de liderança, e nomes como Osmar Santos, em São Paulo, e José Carlos Araújo, no Rio de Janeiro, inovaram na forma de narrar.

No período contemporâneo (dos anos 1990 em diante), com a digitalização e melhor captação sonora, o áudio ganhou mais clareza. O ritmo das narrações se tornou menos acelerado, influenciado pela TV, mas o narrador segue sendo a principal figura durante o jogo. Entende-se, de forma mais objetiva, que características consagradas - como a descrição dos lances, os gritos de gol, frases de efeito e as demonstrações emotivas - vêm sendo repetidas pelos locutores, independentemente da plataforma utilizada, seja ela *hertziana* ou digital como o YouTube, por exemplo.

Esta pesquisa parte da seguinte hipótese: a narração esportiva radiofônica tornou-se uma prática esgotada. A suposta estagnação não está relacionada ao talento ou à capacidade dos profissionais, mas sim à tese de que a narração já teria alcançado o seu limite, ou “teto”, técnico. O narrador José Silvério, conhecido como “o pai do gol”, com longa experiência, diversas coberturas de torneios como a Copa do Mundo da FIFA, e passagens por emissoras como Jovem Pan e Bandeirantes, em São Paulo, afirma que já buscou diversas alternativas para criar algo revolucionário na locução:

Eu brinco assim, dá. Narra de trás pra frente porque de outro jeito não tem como fazer. Oh, eu não sou burro, eu sou muito criativo. Eu já tentei tudo, eu já pensei em tudo. Você não tem como deixar de narrar o jogo “o Joãozinho passa pro Pedrinho, Pedrinho passa pro Joãozinho, dribla o Zico, Toninho vai chegar na grande área, chegou na grande área, ajeitou, chutou, bateu pra fora”. Ou “chutou, bateu é gol”. Não tem jeito. O que é que você pode fazer de diferente disso? Entende? (Silvério, 2022).

Conforme a problematização introdutória, a seguinte pesquisa se justifica pela necessidade de compreender o papel da narração de rádio na atualidade. Ainda que possa ser relevante para entender a cobertura de modalidades como basquete, vôlei ou natação, o foco deste trabalho está voltado para o futebol, que segue o esporte mais popular do Brasil, conforme pesquisa da Resenha Digital Clube (2024), divulgada em matéria pelo Portal UOL (2024). Quer-se contribuir para futuras discussões e reflexões, tanto no campo profissional, quanto no acadêmico. E, para isso, esta investigação qualitativa apresentará um modelo com apporte teórico da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), utilizada para elaboração de categorias e capturas de padrões discursivos, que observará trechos de jogos. Sabe-se que não é possível, em uma investigação desta natureza, dar conta da narração em um país com dimensões continentais como o Brasil. Por isso, a ideia é que, a partir deste artigo, outras pesquisas possam conferir novos fenômenos para colocar em xeque ou não a hipótese deste trabalho. Os objetivos são os seguintes:

Geral: Investigar se a narração esportiva radiofônica atingiu um limite técnico.

Específicos:

- Resgatar parte da trajetória histórica da função no Brasil e reconhecer seus principais marcos técnicos e estilísticos;
- Identificar, por meio da análise de conteúdo, padrões recorrentes e indícios de estagnação na linguagem e nos formatos utilizados pelos narradores;
- Refletir sobre os limites e possibilidades de inovação na narração radiofônica contemporânea.

Obedecendo classificação histórica proposta por Götz (2020), serão observados e analisados, para fins comparativos e reflexivos, trechos das narrações dos locutores Fiori Gigliotti (fase desbravadora), Osmar Santos (fase paradigmática) e Rogério Assis (fase contemporânea).

A primeira parte do artigo recupera elementos contextuais e técnicos da trajetória da narração esportiva radiofônica no Brasil, desde meados da década de 1920 até a atualidade. Na segunda, serão apresentadas, de forma objetiva, as biografias dos narradores selecionados.

Depois, o artigo descreve a metodologia adotada, apresenta a coleta de dados, a análise e, por fim, expõe as considerações finais.

Conceitos históricos e técnicos da narração esportiva radiofônica no Brasil

De maneira mais metódica, Götz (2020) propõe uma cronologia da função no país. Segundo o autor, essa linha do tempo é dividida em três períodos: “período desbravador, de meados dos anos 1920 até o final da década de 1950; período paradigmático, dos anos 1960 até meados de 1990; e período contemporâneo, do final do século XX até a atualidade” (Götz, 2020, p. 71).

De acordo com Götz (2020), a fase desbravadora teve como característica marcante a improvisação. Inicialmente protagonistas das irradiações, os narradores passaram, aos poucos, a criar bordões e a introduzir frases de efeito, associadas à emoção. Sob o ponto de vista de Ferraretto (2012), esse período é marcado por acontecimentos relevantes para o desenvolvimento do rádio, que vão desde sua implantação, passando pela regulamentação da publicidade e pela ampliação da difusão, até o impacto da chegada da televisão e a miniaturização dos aparelhos com a transistorização. “A partir da década de 1930, começaram a ser incluídos novos elementos técnicos, com gradativa evolução da velocidade, inaugurada pelo Speaker Metralhadora Nicolau Tuma, em 1931” (Götz, 2022, p. 109). Durante boa parte da etapa desbravadora, havia o costume de se utilizar anglicismos, como: *ball* (bola), *free kick* (tiro de meta), etc.

A fase seguinte, dos narradores paradigmáticos, representa, para Götz (2020), o ápice técnico e estilístico dos locutores, que ainda eram as figuras centrais, mas acompanhados de grandes equipes formadas por repórteres, comentaristas e plantões. “Passou a ser comum a performance de profissionais com excelência no uso de variados elementos” (Götz, 2020, p. 110). Narradores como Osmar Santos e José Carlos Araújo são responsáveis por transformar as transmissões em espécies de shows, conhecidas como Jornadas Esportivas. É um período que ocorre o aprimoramento da velocidade, do ritmo e da utilização

de frases de efeito e bordões. Foi uma fase de aproximadamente três décadas, marcada também pela segmentação do rádio, pela popularização da frequência modulada e pelas implantações da telefonia celular e da internet (Ferraretto, 2012).

Por fim, Götz (2022) caracteriza a fase vigente como o período contemporâneo da narração esportiva. Para o autor (2022, p. 110), “o ritmo acentuado e veloz diminuiu em relação aos anos 1970 e 1980, muito por influência das transmissões televisivas [...] Mesmo assim, o narrador continuou sendo, ainda, a principal figura de uma jornada com

a bola rolando”. Götz afirma que muitas das técnicas retóricas e estilísticas consolidadas no período paradigmático foram mantidas e ajustadas pelas novas gerações, como os bordões, a narração detalhada dos lances e, sobretudo, a ênfase na emoção. Outra característica semelhante entre os períodos é da veiculação da publicidade durante as transmissões, que seguiu conduzida pelos locutores.

Em um panorama de rádio expandido (Kischinhevsky, 2016), os profissionais atuam de forma integrada entre o meio tradicional e plataformas digitais, como o YouTube - universo no qual o som pode ser combinado a elementos parassonoros, como vídeos, gráficos e imagens. Essa configuração reflete parte das transformações dos meios de comunicação nos últimos anos, impulsionadas por processos convergentes (Jenkins, 2009). Atualmente, ainda existem narradores paradigmáticos em plena atuação, no contexto radiofônico, como é o caso do citado José Carlos Araújo, que narra pela Super Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

Estilos e técnicas da narração esportiva radiofônica

Conforme Schinner (2004), a narração radiofônica pode ser classificada em dois tipos: Livre e Orientada que integram, de maneira geral, a “forma radiofônica” (Schinner, 2004, p. 195).

Segue uma linha de narração mais veloz, com bordões e frases repetitivas,

e emoção extremada. É a mais conhecida e usada para modalidades como futebol, basquete, boxe, voleibol, corridas, natação, bem como todas as modalidades que exijam vibração. Em tese, a narração vibrante só é possível em esportes de ação e competitivos.

No estilo livre, o narrador realiza uma performance caracterizada por irreverência, bordões, frases feitas, sedução e criatividade. Geralmente, a emoção é a tônica da locução. Já no tipo orientado, normalmente, o locutor equilibra técnica e emoção contextual. Entre ambos tipos, existem dois fundamentos comuns: velocidade e ritmo. De acordo com Schinner (2004, p. 187), “ser ágil não significa se veloz ao extremo, atropelar as palavras e supervalorizar o jogo, como se todas as partidas fossem uma final de campeonato”. Isso significa que emoção e velocidade devem ser administradas durante uma jornada, para que não sejam exageradas ou extremas.

Schinner explica que há três tipos de ritmo: *linear flat*, ascendente e cíclico. No primeiro, o é “absolutamente horizontal, sem grandes inflexões de voz” (Schinner, 2004, p. 187). No ascendente, o ritmo cresce conforme os “lances mais agudos da partida. É a preparação até a hora do gol” (Schinner, 2004, p. 187). Finalmente, no cíclico, ocorrem inflexões que dependem do foco e sucessão dos lances. Considerando esses ritmos, Schinner (2004, p. 187) assinala que: “para que a transmissão seja agradável aos ouvidos do receptor, fazemos costumeira e naturalmente uma divisão rítmica do jogo”.

Schinner (2004) divide a rítmica do jogo em três zonas: atenção, intermediária (de transição) e tensão. A zona de atenção, cadenciada, parte de defesa para o setor intermediário. Na transição, o narrador deve conduzir a descrição da defesa para o ataque, com a articulação dos lances. Na zona de tensão, pode acontecer o clímax do jogo, o gol. “Note que tudo deve ser cuidadosamente construído, evitando que o desencadear da jogada saia prejudicado (atropelado) em sua narração” (Schinner, 2004, p. 187).

De acordo como Schinner (2004, p. 188), “o grito de gol não é um susto”. O autor destaca que o momento mais importante da transmissão deve ser construído, justamente, a partir da divisão rítmica. Ferraretto (2014, p. 219)

reforça que há uma estrutura básica para a sequência descritiva, que acontece através da: “1 – a narração do lance; 2 – as observações do repórter postado atrás da goleira ou do que estiver mais próximo desta; 3 – a análise do comentarista; 4 – a intervenção do plantão com informações quantitativas sobre o gol e quem o marcou”.

Já os bordões são elementos fundamentalmente particulares de cada narrador, tanto para o caso do gol como na elaboração de palavras ou frases que são utilizadas durante um determinado jogo. Schinner (2004, p. 190) recomenda que “além da forma de “gritar o gol ao seu estilo”, você deve pensar na extensão que vai marcar o momento mais importante”.

Sobre a voz, o instrumento do narrador, Ferraretto (2014) destaca que, na contemporaneidade, os timbres impostados já não são mais exigência. Mas o pesquisador alerta que “segue sendo indispensável ter consciência de que, como todos os aspectos de uma atividade profissional, falar ao microfone exige uma técnica apurada em que se mesclam diversos elementos expressivos” (Ferraretto, 2014, p. 79). César (2009, p. 72), explica que a voz “é resultado de um trabalho conjunto dos sistemas nervoso, respiratório e digestivo, e de músculos, ligamentos e ossos, atuando harmoniosamente para que se possa obter uma emissão eficiente”. A narração nada mais é do que um dos processos em que o profissional integra a voz a outros elementos de linguagem radiofônica como a música, os efeitos sonoros e o silêncio. “A linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral, mas resultado de uma semiose de elementos sonoros” (Albano da Silva, 1999, p. 17).

Uma questão mais específica da voz está relacionada ao timbre. Cada uma é única, pois depende de especificidades orgânicas de cavidades que vibram com as pregas vocais. “A qualidade vocal (timbre) varia de acordo com o indivíduo, sua idade e sexo, e depende da constituição anatômica e do uso das caixas de ressonância” (César, 2009, p. 76). Para César, a performance ocorre mediante uma variação interpretativa da voz que compreende: tessitura, modulação, registro, intensidade e articulação. A primeira tem relação ao

espectro de alcance que pode ser grave, médio e agudo. A tessitura contribui para identificar as características sonoras da voz de um narrador, indicando se ela possui um tom mais grave e intenso, intermediário e balanceado, ou mais agudo e expressivo.

A modulação está ligada diretamente ao ritmo e é utilizada para expressar sentimentos, enfatizar lances decisivos, prender a atenção do público e tornar a narração mais dinâmica. O registro diz respeito à forma como o narrador adapta sua voz e estilo de fala conforme a situação, alternando entre um tom mais formal ou informal, conforme necessário. A intensidade, por sua vez, contempla a variação na força da voz do narrador, alternando entre mais suave ou mais forte, conforme o clima emocional, o ritmo da narração ou a relevância do momento. Já a articulação é a forma como o locutor pronuncia as palavras de maneira clara e precisa, assegurando que cada som e sílaba sejam facilmente compreendidos pelos ouvintes.

A transmissão esportiva na atualidade pode ser dividida, segundo a observação de Ferraretto (2014, p. 218), em quatro etapas: (1) abertura, (2) o jogo em si, (3) o intervalo e (4) o encerramento. Geralmente, a abertura contém: um ambiental da partida comandada pelo narrador, a escalação das equipes e da arbitragem apresentadas pelos repórteres, a primeira participação do comentarista, do plantão, e a liberação da reportagem. No jogo em si, com a bola rolando, “há um apelo constante à sensorialidade do ouvinte, em uma descrição lance a lance do que ocorre no estádio” (Ferraretto, 2014, p. 218). No intervalo, a reportagem realiza entrevistas no gramado ou capta áudios através da televisão, caso a transmissão seja por *off tube*. Acontece a entrada do plantão, que atualiza as informações do momento, e é designado o espaço para os comentários do analista de jogo. Pode haver a manifestação de torcedores nos estádios ou por mensagens pela internet. No encerramento, acontece um processo semelhante ao do intervalo.

Além da narração em si, os locutores ainda têm outra função nas jornadas: da leitura de textos publicitários. Conforme Götz (2022, p. 105), “a maneira como

os profissionais realizam a locução comercial também depende de uma interpretação pessoal. Não existe uma regra definida. Como estratégia, o narrador pode apresentar um ritmo distinto daquele empregado nos lances da irradiação do futebol". As publicidades mais comuns são os textos-foguete, mensagens curtas e impactantes intercaladas com lances de jogo, criadas para capturar rapidamente a atenção e gerar uma reação imediata.

É muito comum, ainda, que os narradores sejam retratados como profissionais que criam imagens nas mentes dos ouvintes e torcedores. Mas essa hipótese pode ser colocada em xeque. Como afirma Meditsch (2001, p. 215), "a oralidade da informação no rádio é apenas aparente". Pelo ponto de vista de Silva (1999, p. 71), a combinação de elementos da linguagem radiofônica teria o poder, no máximo, de sugerir "imagens auditivas ao imaginário do ouvinte".

Desbravadores, paradigmáticos e contemporâneos da narração: Fiori Gigliotti, Osmar Santos e Rogério Assis

Fiori Gigliotti nasceu no dia 27 de setembro de 1928, em Barra Bonita, interior de São Paulo. Segundo Chammas, Nunes e Oliveira (2012, p. 308), "sempre com muita competência, Fiori levava o torcedor ao ápice da emoção, com a valorização das palavras, colocações e citações que encantaram e marcaram a sua carreira". Iniciou sua história em 1947 e tem uma trajetória por emissoras como Clube de Lins, Cultura de Araçatuba, Bandeirantes, Panamericana (atual Jovem Pan), Tupi, Record, Rádio Clube Paranaense e Capital. Além da descrição, primava pela emoção e aplicava um caráter artístico aos seus relatos. Criou bordões como "abrem-se as cortinas e começa o espetáculo", "aguenta coração", e o tempo passa", "crepúsculo do jogo", "torcida brasileira", entre outros.

Gigliotti, o "locutor da torcida brasileira", como também era conhecido, foi um radialista compreendido entre os períodos desbravador e paradigmático da narração, mas atuou em plena fase contemporânea, e ainda foi comentarista na Rádio Capital. Para Schinner (2004, p. 44), "pode ser considerado o poeta lírico

das transmissões, consagrado por seu estilo coloquial, nostálgico e romântico". Fiori Gigliotti narrou diversos torneios e grandes decisões de eventos esportivos. Ele cobriu 10 Copas do Mundo, entre 1962 e 1998, pela Rádio Bandeirantes. Faleceu no dia 8 de junho de 2007, em São Paulo, aos 77 anos.

Osmar Santos nasceu no dia 28 de julho de 1949, em Osvaldo Cruz, estado de São Paulo. Na avaliação de Chammas, Nunes e Oliveira (2012, p. 316), é "um dos maiores gênios da narração esportiva de todos os tempos. Preciso, dicção perfeita, agilidade e perfeição nos lances, jogadas, a cada passe, lançamento e gol". Iniciou sua carreira na Rádio Clube de sua cidade natal. Em seguida, mudou-se para Marília, município próximo, e trabalhou nas Rádios Dirceu, Clube e Verinha. O "pai da matéria", como é referido, estreou na Jovem Pan, em São Paulo, em 1972. Conta Schinner (2004, p. 45-46) que Santos "chegou à capital entusiasmado, repleto de ideias e ideais, pronto para sepultar o velho estilo das transmissões futebolísticas. Mal ele sabia que iria montar três das mais bem-sucedidas e copiadas equipes esportivas do rádio brasileiro".

Osmar é irmão de outros dois locutores esportivos de destaque: Odinei Edson e Oscar Ulisses. Além da técnica apurada, como destacaram Chammas, Nunes e Oliveira, Osmar Santos narrava de maneira informal e descontraída, e utilizava muitos bordões, como: "Um pra lá, dois pra cá, é fogo no boné do guarda"; 'Sai daí que o Jacaré te abraça, garotinho'; 'No carocinho do abacate'; 'vai garotinho porque o placar não é seu'; 'ele estava curtindo amor em terra estranha'; 'chirulirulá, chiruliruli" (Museu do Futebol, 2019). Havia bordões, inclusive, para destacar a atuação de jogadores, como o "Animal!".

Em 1977, foi responsável por movimentar intensamente o mercado do rádio esportivo paulista e brasileiro, quando se transferiu da Jovem Pan para a Rádio Globo. Logo na mudança de prefixo, estreou na decisão do Campeonato Paulista entre Corinthians e Ponte Preta. Teve passagens pela TV Globo, TV Manchete, Rádio e TV Record, Rádio Gazeta, e chegou a retornar à Rádio Globo. Osmar Santos "esteve em seis Copas do Mundo (1974-1994), três Jogos Olímpicos (1980-1988), além de narrar a Fórmula 1 e a Corrida Internacional de

São Silvestre" (Museu do Futebol, 2019).

Destacou-se também, além da narração esportiva, como o locutor da campanha "Diretas Já", em 1984, pela redemocratização do Brasil. No dia 22 de dezembro de 1994, Santos teve a sua carreira interrompida por um acidente automobilístico, em estrada entre Marília e Lins. Em acidente com um caminhão, o narrador perdeu parte da massa encefálica ao ser atingido na lateral da cabeça. Entre os problemas decorrentes, justamente a sua fala foi comprometida. Até o momento, Osmar Santos se dedica à arte, mais precisamente à pintura.

Rogério de Assis Cornachione nasceu no dia 25 de maio de 1967, em Parisi, próximo a cidade de Votuporanga, interior paulista. Iniciou a sua trajetória radiofônica com 15 anos e atuou como operador de áudio. Em 1985, foi repórter da rádio Clube de Votuporanga e, em 1989, começou a narrar. Segundo o Portal dos Jornalistas (2017), "passou por diversas outras rádios do interior de São Paulo: em São José do Rio Preto, Independência, Centro América, Metrópole, Metropolitana; em Campinas, Educadora; em Franca, Difusora; em Americana, Azul Celeste e Notícia FM; e em São Paulo, Atual e Capital. Tudo isso ocorreu entre 1989 e 2001".

Em 2000, Assis foi contratado como assessor de imprensa do clube Rio Branco, de Americana. Nesse mesmo ano, ele integrou a equipe da Rádio Jovem Pan, onde permaneceu até 2014. Em 2015, após passagens pelas emissoras Bandeirantes de Campinas e Capital, em dezembro, foi anunciado pela Bandeirantes de São Paulo, onde segue na atualidade. Além do rádio, também teve outras experiências como, por exemplo, na TV, narrando pelo canal Band Sports. Transmitiu diversos tipos de campeonatos importantes, como a Copa do Mundo. É conhecido como "Canhão", apelido recebido do jornalista Milton Neves.

Rogério Assis, em entrevista para a própria Bandeirantes, em 2024, revelou que não teve uma referência específica para sua formação como narrador porque, no princípio, "ouvia todo mundo". Segundo ele "eu meio que comecei sem querer, né. Então eu não tive tempo de lá atrás pensar. Eu vou me basear nesse, ou me nortear nesse pra tentar fazer igual. Eu não puxo pra lado algum. Eu não

tenho lances de Osmar, eu não tenho lances de Fiori, e nem o traquejo de Silvério, que são os três gênios que eu conheço muito bem, que eu gosto muito" (Assis, 2024). Dentro desse estilo que "foi se moldando com o tempo" (Assis, 2024), o locutor se destaca pela clareza no relato, pela emoção e descontração pontual. Além disso, ele tem um bordão que, geralmente, apresenta logo após a marcação de um gol: "não tem jeito, tá feito". Assis é um narrador esportivo concentrado no período contemporâneo, conforme a leitura de Götz (2020).

Metodologia: análise de conteúdo

Esta investigação utilizou a técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977), aplicada para examinar de forma sistemática quais são as técnicas dos narradores observados. A análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 1977, p. 42).

O processo de análise seguiu três fases principais:

Pré-análise: Essa etapa inicial envolveu a preparação do material a ser analisado, a escolha dos documentos. De acordo com Bardin (1977, p. 95-96), trata-se de uma "leitura flutuante" que permite organizar o conteúdo e criar um plano de análise eficiente. Nesta pesquisa, a pré-análise correspondeu à seleção dos trechos de jogos narrados por Fiori Gigliotti, Osmar Santos e de Rogério Assis, definindo os critérios de relevância e representatividade das falas.

Exploração do material: Corresponde ao momento em que o conteúdo é codificado, categorizado e classificado em unidades de análise. Conforme Bardin (1977), essa fase envolve essencialmente a aplicação de regras pré-estabelecidas para organizar os dados e construir as categorias temáticas. Neste estudo, a atenção esteve voltada às performances narrativas, levando em conta os estilos livre e orientado, o ritmo, a divisão rítmica, timbre, bordões, grito de gol e estrutura de transmissão.

Foram analisados trechos de áudios dos seguintes jogos: Corinthians 3 x 1 São Paulo, no Estádio do Morumbi, pela decisão de Campeonato Paulista de 1982, com a narração de Fiori Gigliotti, no dia 12 de dezembro, pela Rádio Bandeirantes. Corinthians 1 x 0 Palmeiras, também pela final do mesmo torneio e estádio, mas em 6 de junho 1993, narrado por Osmar Santos, pelo microfone da Rádio Globo. E Corinthians 4 x 2 Internacional, em 3 de maio de 2025, com Rogério Assis pela Rádio Bandeirantes de São Paulo, na Neo Química Arena, pelo Campeonato Brasileiro¹.

Os respectivos áudios foram escolhidos de forma aleatória, contudo, obedecendo os critérios de categorização que serão explicados na sequência. A transcrição foi realizada com auxílio de ferramenta de inteligência artificial do Google Colaboratory.

Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: Essa última etapa diz respeito à organização dos dados já codificados e à produção de interpretações baseadas nos conteúdos analisados. Segundo Bardin (1977, p. 38), “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Aqui, a interpretação buscou identificar padrões e significados nas narrativas.

A escolha pela Análise de Conteúdo se justifica por sua capacidade de ir além da descrição dos dados, permitindo interpretar os sentidos subjacentes às declarações. Essa metodologia possibilitou compreender, de forma estruturada, como a repetição de elementos técnicos pelos narradores, ainda que cada um apresente, naturalmente, suas próprias particularidades. As categorias analíticas foram construídas de forma híbrida, combinando elementos previamente definidos com base no referencial teórico e outros que surgiram diretamente das entrevistas, respeitando a abertura metodológica sugerida por Bardin. A Tabela 1 indica o processo de organização.

¹ Links das transmissões nas referências deste artigo.

Tabela 1 – Categorias de Análise da narração esportiva radiofônica

Categoria	Descrição	Indicadores	Referência
1 - Grau de Improvisação x Técnica	Nível de espontaneidade ou sistematização técnica na performance do narrador.	Improvisação, roteirização, domínio da estrutura, uso de zonas rítmicas.	Götz (2020); Schinner (2004)
2 - Centralidade do Narrador	Papel do narrador como protagonista ou parte de equipe integrada.	Narração solo, figura central, presença de comentaristas e repórteres, equilíbrio entre vozes.	Götz (2020); Ferraretto (2014)
3 - Estilo Vocal e Timbre	Características vocais como tessitura, modulação, intensidade, articulação.	Voz impostada ou natural, variação expressiva, clareza de dicção.	César (2009)
4 - Uso de Bordões e Criatividade Verbal	Frequência e originalidade na criação de frases de efeito e linguagem própria.	Presença de bordões, criatividade linguística, repetição ou banalização de expressões.	Götz (2020); Schinner (2004)
5 - Ritmo Narrativo	Tipo de ritmo adotado (linear, ascendente, cíclico) e sua gestão ao longo da transmissão.	Crescendo até o gol, ritmo plano, variações emocionais.	Schinner (2004)
6 - Condução do Clímax (Gol)	Forma como o momento máximo da partida é construído narrativa e sonoramente.	Suspense, preparação sonora, intensidade no grito de gol, extensão.	Schinner (2004); Ferraretto (2014)
7 - Interação com a Publicidade	Presença e forma de leitura dos anúncios dentro da transmissão.	Textos-foguete, leitura automatizada ou interpretada, integração com ritmo de jogo.	Götz (2022)
8 - Adaptação à Tecnologia e Convergência	Integração com mídias digitais e novas plataformas.	Transmissão multiplataforma, uso de vídeos, imagens, elementos parassonoros.	Götz (2022)
9 - Referencial Estético (Show vs Informação)	Ênfase em espetáculo, emoção, ou descrição objetiva do jogo.	Narração como show, vibração constante, ou foco em clareza descritiva e análise.	Götz (2020); Schinner (2004)

10 - Preservação ou Ruptura com Tradições	Manutenção ou descarte de elementos do passado (voz impostada, bordões, estilo).	Presença de traços dos narradores paradigmáticos em narradores contemporâneos.	Götz (2020, 2022)
---	--	--	-------------------

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Coleta de Dados: narrações desbravadora, paradigmática e contemporânea

Na sequência, esta investigação apresenta a coleta de trechos das narrações das partidas observadas: Corinthians 3 x 1 São Paulo, 1982, com a narração de Fiori Gigliotti. Corinthians 1 x 0 Palmeiras, 1993, narrado por Osmar Santos, e Corinthians 4 x 2 Internacional, de 2025, com Rogério Assis.

Fiori Gigliotti

1 - Grau de Improvisação x Técnica: Prepara-se, Zenon, para bater no primeiro momento de perigo da etapa final!./ Zero a Zero, Corinthians de São Paulo!./ Zenon correu, acabou recuando para Alfinete./ Desceu, vai chutar e subiu.../ E foi [...] pro o caminho de Jales, Zanforlin!//

2 - Centralidade do Narrador: Narração - Fiori Giglioti, Reportagem - João Zanforlin, Flávio Adauto, Comentários - Dalmo Pessoa e Plantão Esportivo - Paulo Edson. O primeiro tempo foi narrado por José Silvério.

Fiori - Zero a zero, Corinthians e São Paulo, Casagrande caído no terreno.

Reportagem - Ah, deve ser pensado em qualquer coisa, eu não sei, se não estiver [...] é coisa séria.

Fiori - Correu, bateu rapidamente o Marinho, o Marinho vai pra frente, batendo bola lá para a direita, recolhe então Oscar, Oscar, o Paulinho de ataque pra Serginho, quando o recuado fez o passe aberto na ponta direita pra Renato, o Renato correu, alcançou, tentou passar, entrou tudo na cobertura, em cima dele, o adversário que [...], vai embora, [...] é tiro!./ Tiro de meta, tiro de meta para a equipe Corinthiana. E Casagrande continua caído gente!//

Reportagem - Deve ter sido o joelho [...], o árbitro pega pra frente da marca,

o joelho da perna esquerda, lá vem o Marinho Chagas, quer tentar carregar o Casagrande, mas parece difícil./ Olha aí, o Aragão vem ajudar, mas, meu Deus do céu.//

Fiori - Olha aí, Casagrande ficou de perna levantada, como se estivesse querendo derrubar a barata lá do teto, e agora está retirado, está fora de campo, sendo atendido pelo médico do São Paulo.//

3 - Estilo Vocal e Timbre: Um ligeirinho, gemido, sacrifício do doutor, não é brincadeira./ Zero a zero, Corinthians e São Paulo, Morumbi, etapa para final, torcida brasileira, Casagrande e fora de campo por causa do joelho./ Bola caindo pertinho da linha intermediária do São Paulo, ficando com o Maurinho, Maurinho, jogando na presença do adversário, para Zé Sérgio, entrou com tudo, bateu na bola para sair pelo lado [...] Zero a zero, Corinthians e São Paulo.//

4 - Uso de Bordões e Criatividade Verbal: A tarde de festa, a tarde de emoção, a tarde de decisão, a tarde de campeão, torcida brasileira./ O tempo passa!./ [Vinheta] Cinco minutos, etapa final, no Morumbi./ Ninguém é de ninguém, segue zero a zero, Corinthians e São Paulo./ No comando da cadeia verde e amarela, e vocês sabem tubos e conexões, o que vale é a qualidade./ Prefira Tigre.//

5 - Ritmo Narrativo: Bola correndo, carrega o time corinthiano, vai Zenon pela meia esquerda, escapou de Almir, correndo, arrumando, procurando [...]./ No ataque, para Biro-Biro, correu, arrumou [...] e é gool!./ [Pausa] Gooooool [Sobre hino do Corinthians] Biro-Biro!./ Outra vez, Biro-Biro predestinado!./ Ele devia ser do motorzinho, o sacrificado!./ Porque a imprensa só fala de Sócrates e de Casagrande./ Mas ele é quem vinha carregando o piano!./ Faz o segundo gol, a torcida corinthiana faz a festa!./ Corinthians de novo mais perto do título!./ Outra vez mais longe o time são paulino!./

6 - Condução do Clímax (Gol): Bola correndo, caindo e ficando para o Zenon, Zanon na frente, na ponta direita, para a Sócrates, enganou, Marinho arrumou, cortou por lado, tentou de novo, não passou, a bola bateu, [...], ficou para Biro-Biro, vai embora outra vez, deixou para a Sócrates, devolveu na boca

do gol, para Biro-Biro, entrou, pode sair o gol, atenção, tocou entrou e é goool!// Gooooool! Biro-Biro!// Estremece o Morumbi, torcida brasileira./ É a festa corinthiana./ O sorriso da criança que gosta do Corinthians!./ O beijo dos namorados que se amam cada vez mais por causa do Corinthians!./ Os braços que se abrem para um só abraço!./ A lágrima da emoção que alimenta o grande sonho!./ A emoção que mostra no sonho e no grito o que o coração sente!./ Numa jogada confusa, a explosão da alegria corinthiana!. Biro-Biro!,Biro-Biro!, Biro-Biro!, número onze./ Um para o Corinthians, zero para o São Paulo!./ O Corinthians abraçando o título o São Paulo mais perto do pesadelo!//

7 - Interação com a Publicidade: Beba Velho Barreiro, até a garrafa é coisa fina./ três para o Corinthians, um para o São Paulo, tudo consumado./ Apita o árbitro, fecham as cortinas e termina o jogo torcida brasileira./ É o sonho corinthiano que chega, é o pesadelo são paulino que desmancha as ilusões da gente tricolor.//

8 - Adaptação à Tecnologia e Convergência: Nessa época, a transmissão estava restrita ao contexto hertziano.

9 - Referencial Estético (Show vs Informação): É a festa de quem ganha o título, é a alegria de quem gosta do campeão, os abraços que se abraçam, são aqueles que gostam do Corinthians, é o povão contente, é o povão sorrindo, a polícia pra proteger os ídolos, o árbitro já tá indo embora embora, o estádio estremece, é a festa de quem ganha lindamente o título de campeão paulista de 82, campeão o Corinthians, três para o Corinthians, um para o São Paulo.//

10 - Preservação ou Ruptura com Tradições: Fiori Gigliotti manteve um estilo semelhante de narrar em sua trajetória, entre os períodos desbravador e paradigmático. Além de dar ênfase na emoção na elaboração de bordões e frases espontâneas, apresentou aumento gradativo da velocidade.

Osmar Santos

1 - Grau de Improvisação x Técnica: No miolo da sua intermediária, Zinho recebe./ Dominando para o time do Verdão, descendo./ Adil vem, pega forte, Adil

por trás, acaba cometendo falta, o árbitro marca./ Mais uma jogada de corpo, não houve intenção de dar o toco por baixo./ Só jogada na velocidade, mas o Corinthians demonstra que vai tentar pegar forte na marcação./ Você encontra todos os produtos com insuperável qualidade, Sano./ Num revendedor perto de você, Sano./ Muito mais qualidade em termos de caixa d'água Samu [...] Edmundo está com a bola para o time do Verdão, lança./ Na esquerda, através Roberto Carlos, preparou, cruzou./ Escorregou Ricardo, Edílson entrou./ Vai tentar bater para a boca do gol, chamou para o drible, Ezequiel em cima, cobriu-lhe a frente./ O árbitro não marca, falta que não houve.//

2 - Centralidade do Narrador:

Osmar - Levanta a bola pela ponta, tenta alcançar o Maurílio deslocado pela esquerda, vem Marcelo para cobrir pela direita./ Recebendo para o time do Palmeiras, deixando a bola sair para o time do Corinthians, deixando sair ganhando o manual./ É lateral na direita para o Corinthians bater./ Começa o jogo Paulo Roberto Martins e eu quero ouvi-lo./

Paulo - Bom, já deu pra perceber que o Corinthians vai ter que tomar uma atenção especialíssima nessa marcação./ Tá marcando forte, tá marcando bem.//

3 - Estilo Vocal e Timbre: Mate a sede no peito, baxe a Brahma no copo, Brahma Chopp a cerveja número um./ Descendo pro jogo o time do Corinthians, Viola dominando pela esquerda, voltando curtinho para o Ricardo, emendando pela linha, para Moacir, Moacir para a Viola, Viola tentou trabalhar pelo meio, Moacir encosta [...] passe esquerda, devolvendo para a Viola, vem pro drible, escapa pela esquerda de Amaral, descendo pela ponta, fugindo Viola, Viola carrega, tentando... Epaaa!./ Por detrás, é atingido forte pelo garotinho Amaral.//

4 - Uso de Bordões e Criatividade Verbal: Chama o Velho Maurílio, chama o Velho Maurílio que vem coisa boa garotinho!./

5 - Ritmo Narrativo: Bola para Paulo Sérgio, escorregou, meteu Adil, pintou o segundo gol do Timão, recolheu, voltou para Ezequiel, vai bater, Tonhão tentou o Adil, na boca do gol, tira a defesa do Palmeiras!./ Insiste./ Paulo Sérgio,

dominou tocou pro gol, que é solto o Viola, se ele passa, era segundo, perde o Corinthians o segundo gol, quase dois a zero pro Timão.//

6 - Condução do Clímax (Gol): É pela ponta-direita, falta para o Corinthians, Neto ajeita a bola, aos 13 minutos começa o jogo./ Está autorizado o Neto para batida, ele reclama um pouco da posição, impede a batida, Zinho./ Neto olha para a gorduchinha, pode bater direto ou pode levantar para a área, ele está bem sem ângulo./ Aqui pela ponta-direita, rente ao bico da grande área, autorizado Neto para a cobrança da falta./ Ripa na chulipa, pimba na gorduchinha, forte para o goooool! Do Timão, Viola!./ Viola, o artilheiro, Alegria do futebol!./Viola é gol do Timão!./ Neto bate a seu destino, bate caprichado, bate forte, bate violento./ Viola entra, a bola quase vai fora, mas Viola estica-se todo para vencer, apesar da zaga do Palmeiras./ Viola, Viola levanta a massa, o chão tá tremendo!./ Viola é lá que a menina, agora garotinho, é lá que a menina mora [...] Viola, Viola é a emoção solta no Morumbi./ Para esquentar o jogo, para mexer com a galera./ Futebol do meu Brasil, Alegria, gol feitiço./ Gol feitiço de viola, esse animal, viola animal! Neto animal, Corinthians um a zero!./

7 - Interação com a Publicidade: Se o seu estômago está jogando contra, vai de Sonrisal./ Sonrisal, o antiácido do mais completo./ Está começando o jogo./ [...] Bola para Edmundo, Edmundo, dominando pelo meio./ É vinte, chega Edmundo, limpa./ Limpa, limpa a linha de frente para o contra-ataque./ Lá vem o Leandro./ Tentou a gol, deu animal. Rola a bola [...] desceu na boca do gol, desceu, Edmundo, pediu./ Sim, o mestre, tenta assim, entortou./ Preparou, cruzou, para fora do gol, saiu.//

8 - Adaptação à Tecnologia e Convergência: Nessa época, a transmissão estava restrita ao contexto hertziano.

9 - Referencial Estético (Show vs Informação): Tarde de clássico é com Corinthians e Palmeiras, Coringão, ligação direta na emoção junto ao seu povo, emoção forte, bate no coração de toda essa galera./ Corinthians você é o sorriso direto dessa massa./ Corinthians entra em campo, pra enfrentar o forte Palmeiras./ Galera do Timão, o chão tá tremendo no Morumbi./ O chão treme no

Morumbi./ Romeu, Lima, os repórteres do futebol show da Globo.//

10 - Preservação ou Ruptura com Tradições: Osmar Santos impactou a narração esportiva brasileira, fundamentalmente a partir da década de 1970, com a reorganização a transmissão esportiva, relacionando jornalismo com a emoção do futebol. Além de manter a base da narração desenvolvida do período desbravador em diante, Santos, particularmente, aprimorou uma narração com alta velocidade, dicção apurada, com ênfase na emoção e uso de frases de efeito e bordões.

Rogério Assis

1 - Grau de Improvisação x Técnica: Devolveu o Vitão, toca, Fernando outra vez, abre a bola lado esquerdo. fecha a marcação pelo meio, Vitão, Vitão já gira, toca ao lado pelo meio do campo, ele é com o time do Inter trocando passes./ Bruno Henrique na tabela, pela meia-direita, para Vitor Gabriel, para a grande área, a bola para Bernabei. sobe na trombada com o Matheusinho, bola ganha, a força vai saindo, Mateusinho vai, chuta a bola, bate na bunda do Bernabei, vai para fora./ Em lateral para o time do Corinthians./ E o Bernabei caiu, fica sem a chuteira, pede a falta, arbitragem nada marca, já sai jogando o Corinthians./ Mateusinho, toca para o azul para a semana, para a meia-direita.//

2 - Centralidade do Narrador:

Reportagem: Yuri Alberto provando./ A lei do Waze é a única que não falha no Brasil, Canhão./

Assis: Cláudio Zaidan, a força da opinião Bandeirantes. Yuri Alberto, 1 a 0, Corinthians./ Zaidan.//

3 - Estilo Vocal e Timbre: Corinthians aperta a bola com o Hugo do lado esquerdo, toca do ladinho. De primeira passe./ Romero, toca do lado, vira a bola para Martínez, que dá para o Hugo./ Vira do lado esquerdo./ Romero passa pela ponta, a Yuri Alberto./ Domina Yuri, vai no fundo, encara a Vitão, chamou para a finta./ Recua, devolve a bola, dá para o Romero pela minha direita, por dentro, para a Raniele, lado esquerdo, na ponta./ Memphis fica pelo comando, pedindo

bola. Toca do ladinho, devolve, bola Romero faz a inversão, toca no meio do campo. Acha sozinho o zagueiro, o Cacá, tem liberdade, vira a bola para a direita, contra o zagueiro. Dá para o André Ramalho./ Marco Wesley devolve a bola, André Ramalho para Cacá, mais atrás./ Grupo Sousa Lima e Eficiência, em segurança e serviços.//

4 - Uso de Bordões e Criatividade Verbal:

Lance 1: [Cantarolando] O toque eletrônico da Bandeirantes marcou./ Neo Química Arena, bola rola e o relógio não para./ [Vinheta] Cinco minutos, cinco, agora, primeiro tempo [vinheta].\ Placar da sétima rodada do Campeonato Brasileiro, Neo Química Arena./ Corinthians, Internacional, zero a zero.//

Lance 2: Opaaa!./ Chega chgando Bruno Henrique é falta./ Que raquetada tomou o Raniele.

5 - Ritmo Narrativo: Zero a zero, quatro, primeiro tempo na Bandeirantes as emoções do Campeonato Brasileiro./ André Ramalho ajeita pela meia direita marca Alan Patrick, ele devolve a bola pra ponta para trás, tocou para fora./ Ele nem olhou o Mateusinho tava à frente./ Wesley arremessa para Valencia, pra Alan Patrick./ Clareou na meia direita o Aguirre lateral dispara./ Aguirre domina./ No apoio na direita para cruzar, levantou pro gol, bateu no Hugo escanteio!./ Escanteio Inter na direita.//

6 - Condução do Clímax (Gol): Daqui a pouco no intervalo pela Bandeirantes vem Paulo do Vale é a sétima rodada do campeonato nacional./ Zero a zero a bola com o Corinthians parte Matheusinho [...] Memphis de primeira para Yuri no comando se limpar, chuta./ Limpou, cortou, perna esquerda, bateu no canto é gol./ Gooooool!./ Yuri Albertooo!./ Da entrada da grande área, ao dominar corta pro pé direito, trás pro esquerdo, chuta rasteirinho./ Ela vai perto da trave esquerda, indefensável pro goleiro Anthoni./ Yuri Alberto!./ Yuri Alberto faz o gol do coringão./ Vinte e quatro e meio, primeiro tempo, Neo Química Arena, pra vibração da Fiel!./ Pra alegria do torcedor do Corinthians, Yuri Alberto marcando!./ Um Corinthians, Internacional 0 Anthoni, não tem jeito tá feito./ Yuri!./ Ele faz o gol e comemora na frente da torcida do Internacional./ Isso não

é por acaso, com toda certeza./ ô, Anthoni, não tem jeito tá feito./

7 - Interação com a Publicidade: Dá aquela pressionada, Yuri Alberto./ Toca Bernabei e devolve a bola com o Fernando mais atrás./ Se importante é a qualidade, não confia em qualquer fio, viu? Fios e cabos elétricos tem que ser o Sil./ Se é o Sil, pode contar./ Na área, o Inter, Aguirre livre, chegou, cruzou./ Ela passa na pequena área, vai do outro lado, mas está marcado o impedimento.//

8 - Adaptação à Tecnologia e Convergência: Assis iniciou e atuou boa parte de sua trajetória no contexto do rádio tradicional hertziano, das amplitudes modulada e frequência modulada. Atualmente, narra e um formato híbrido, entre o rádio de antena e plataformas digitais como o YouTube. Nesse ambiente, a transmissão vai além do som e integra elementos como imagem, gráficos, letras e palavras.

9 - Referencial Estético (Show vs Informação):

Paulo do Vale: Internacional dois, Corinthians um, Neo Química Arena./ Vem Rogério Assis./

Rogério Assis: Vamos nós então, Paulo do Vale, pro início do segundo tempo, Neo Química Arena./ Corinthians voltando com essa alteração, um lateral por outro no time do Inter, Oscar Romero, sai Alan Patrick./ Enner Valencia vai dar saída, o árbitro é Paulo Cesar Zanovelli da Silva./ Ele vai autorizar o começo do segundo tempo, está tudo pronto, rolando o segundo tempo./ [vinheta Rogério Assis] Eu e você ligados pela mesma emoção aqui na Bandeirantes, na maior rede de rádios do Brasil.//

10 - Preservação ou Ruptura com Tradições: Memphis, posição legal, dominou na meia-lua, limpou, vai fazer um golaço, bateu, rebote, voltou, tentou o Martínez, toca no pé no zagueiro Víctor Gabriel e volta para Oscar Romero!./ Com o time do Inter, bola na ponta, Matheusinho no carrinho ganhou a bola sem fazer falta./ Tomou à frente, Carrillo, Coringão atrás do empate, vem chegando com Carrillo na direita./ Matheusinho levantou na área a bola para Romero, ajeitou, limpou, deixou, bateu pro gol Yuri Alberto é gol./ Gooooool!./ Mais um dele!./ Yuri Alberto!./ Na jogada que começa com uma possível falta, o Inter reclama com o

árbitro, ela segue atravessada, vem pra estrada da grande área na esquerda./ Romero domina mal, ela passa e vem para...Alberto./ Ele enfa um canhão de pé esquerdo e empata o jogo na Neo Química Arena./ Sete minutos do segundo tempo, o Coringão vai atrás e consegue fazer dois a dois./ De novo ele Yuri Alberto./ Corinthians dois, Internacional dois, Anthoni, não tem jeito, tá feito./ Empata o Corinthians, Luis Fabiani.//

Análise da Narração

Na sequência, este artigo apresenta o resultado analítico, de acordo com a observação da coleta de dados, levando em conta o referencial teórico de apoio.

6.1 Fiori Gigliotti

1 - Grau de Improvisação x Técnica: O trecho da narração esportiva cria uma atmosfera de expectativa e tensão, descrevendo rapidamente uma jogada decisiva e dinâmica. A metáfora “caminho de Jales”, por exemplo, e o ritmo acelerado adicionam um toque de humor e dramatização, mantendo o ouvinte envolvido na ação.

2- Centralidade do Narrador: A centralidade do narrador, Fiori Gigliotti, é destacada pela sua constante descrição detalhada e fluida das ações no campo, mantendo o ritmo da partida enquanto interage com os outros membros da equipe. O narrador domina a cena, conduzindo a ação e fazendo a transição para os comentários e reportagens, mas, também, é suplementado pela cobertura da reportagem, e outros, que focam nos aspectos mais específicos e contextuais do jogo, como o estado físico dos jogadores.

3 - Estilo Vocal e Timbre: O estilo vocal é dramático e urgente, com um timbre grave e forte que enfatiza a tensão do jogo e a seriedade dos momentos-chave, como a lesão de Casagrande. A narração alterna entre ritmo acelerado e ênfase, mantendo o ouvinte focado na ação e no contexto emocional.

4 - Uso de Bordões e Criatividade Verbal: A narração utiliza bordões como “o tempo passa” e “torcida brasileira”. A criatividade verbal também se estende à

entonação e relação do contexto com a publicidade.

5 - Ritmo Narrativo: O ritmo narrativo do trecho é dinâmico e envolvente, alternando entre ação rápida e pausas dramáticas. As descrições das jogadas e movimentos dos jogadores são aceleradas, criando urgência. A pausa após o gol e o uso do hino do Corinthians amplificam a emoção, enquanto a repetição do nome de Biro-Biro mantém a atenção no jogador. O narrador também destaca a superação de Biro-Biro em relação aos outros atletas mais comentados na mídia, reforçando o impacto do gol e a conexão com a torcida.

6 - Condução do Clímax (Gol): A narração conduz o clímax do gol com crescente tensão, detalhando a jogada e preparando o ouvinte para a explosão emocional do momento. A descrição poética e repetitiva, como “o sorriso da criança” e “Biro-Biro!”, amplifica a emoção, culminando na celebração do gol e no contraste entre vitória e derrota.

7 - Interação com a Publicidade: A publicidade é inserida de forma sutil, aproveitando o momento de emoção pós-jogo nesse trecho para associar a marca à celebração da vitória. A narração, ao concluir com forte apelo emocional, intensifica a oferta do anúncio.

8 - Adaptação à Tecnologia e Convergência: Nessa época predominava a estrutura analógica do rádio, conhecido na atualidade como tradicional *hertziano*.

9 - Referencial Estético (Show vs Informação): O trecho prioriza o show em vez da informação, com uma narração emotiva e visual que exalta a festa e a alegria da vitória, criando uma atmosfera sensorial e de celebração. A ênfase está na emoção dos torcedores e no impacto do título, mais do que nos detalhes objetivos do jogo.

10 - Preservação ou Ruptura com Tradições: Fiori Gigliotti mantém elementos do passado como uma voz impostada, bordões, estilo e ritmo.

Fiori Gigliotti representa uma evolução intermediária entre desbravadores e paradigmáticos (Götz, 2020), nos conceitos técnico e estilístico da narração radiofônica, com a centralidade do narrador, uso de bordões, ritmo intenso e equipes completas de transmissão (repórteres, comentaristas, plantão). Sua

narração de estilo livre (Schinner, 2004) é emocional, criativa, com bordões e frases marcantes, voltado à vibração e ao entretenimento.

Aplicava ritmo ascendente e cíclico, conduzindo o ouvinte até o gol com tensão crescente, conforme Schinner (2004). A construção do “grito de gol” era impactante. Fiori utilizava timbre médio e impostado, com controle técnico de tessitura, intensidade e modulação, o que reforçava a expressividade e o drama. Misturava técnica e improviso com recursos criativos, como metáforas (“o caminho de Jales”), marca do período paradigmático e da narração livre. Integrava publicidade ao “espetáculo” de forma fluida, associando marcas à emoção do jogo, potencializando o efeito da mensagem. A narração privilegiava emoção e sensorialidade, alinhada ao conceito de jornada como show.

Osmar Santos

1 - Grau de Improvisação x Técnica: A narração de Osmar Santos apresenta alto grau de improvisação com técnica. Ele descreve os lances de forma espontânea, com ritmo acelerado, e inserções publicitárias naturais moduladas. Mantém lógica na sequência dos fatos e ótima localização dos jogadores. Sua técnica também priorizava expressividade e a criatividade na condução da narrativa.

2- Centralidade do Narrador: Adotava centralidade na narração: conduzia a descrição dos lances, mas logo dividia com o comentarista. Ele atuava como articulador da transmissão, demonstrando um estilo colaborativo em que o narrador tem autoridade, mas não monopoliza a fala.

3 - Estilo Vocal e Timbre: Apresentava estilo vocal ritmado e expressivo, com entonação musicalizada que dramatizava os lances, como no emblemático “Epaaa!”, especialmente nesse trecho. Seu timbre ainda é marcante, transmitindo presença e identidade. O bordão publicitário “Mate a sede no peito, baixe a Brahma no copo...” é dito com a mesma musicalidade da narração do jogo, o que cria uma continuidade.

4 - Uso de Bordões e Criatividade Verbal: A expressão “Chama o Velho

Maurílio..." não só chama a atenção para o jogador, mas também cria uma conexão com os ouvintes. É como se Osmar estivesse conversando diretamente com o público, como um amigo falando de futebol, estratégia retórica.

5 - Ritmo Narrativo: Apresenta ritmo narrativo acelerado, com frases curtas e dinâmicas que acompanham a velocidade do jogo nesse trecho. Ele alternou momentos rápidos e pausados, criando tensão e imersão na ação. O uso de palavras de ação e a construção de clímax, como "quase dois a zero pro Timão", buscaram manter o ouvinte envolvido.

6 - Condução do Clímax (Gol): conduz o clímax do gol com explosão emocional e teatralidade, preparando o momento com suspense, antes da cobrança de falta. Quando o gol ocorre, ele o transforma em um evento monumental com expressões dramáticas como "Ripa na chulipa, pimba na gorduchinha", um de seus bordões clássicos, e repete o nome de Viola para amplificar a emoção. A celebração é coletiva, com ênfase na reação da torcida para criar conexão entre a transmissão e os ouvintes torcedores.

7 - Interação com a Publicidade: Integrou a publicidade de forma fluida e natural, mantendo o ritmo do jogo sem interrupções. A inserção publicitária, como "Se o seu estômago está jogando contra, vai de Sonrisal", é feita com suavidade, permitindo que o ouvinte continue atento à ação enquanto recebe a mensagem publicitária, sem que a emoção do jogo se perca.

8 - Adaptação à Tecnologia e Convergência: Nessa época, predominava a estrutura analógica do rádio, conhecido na atualidade como tradicional *hertziano*, a exemplo do caso de Fiori Gigliotti.

9 - Referencial Estético (Show vs Informação): O lance foca no show e na emoção ao narrar, criando uma atmosfera intensa e envolvente com expressões como "o chão tá tremendo no Morumbi". Sua narração prioriza o espetáculo da torcida.

10 - Preservação ou Ruptura com Tradições: A partir da década de 1970, Osmar Santos representou um tipo de narração marcada por uma linguagem vibrante, técnica e popular, criando fortes conexões com os ouvintes torcedores.

O paradigmático (Götz, 2020) e de estilo livre (Schinner, 2004) Osmar Santos exemplificava o equilíbrio entre improvisação e técnica, mantendo a espontaneidade e a precisão nos lances, com inserções publicitárias naturais e um ritmo acelerado. Era um comandante de jornadas, mas que coordenava a participação de outros componentes. Seu estilo vocal e timbre eram marcantes, com variações dramáticas de entonação e ritmo. A utilização de bordões cativantes, como “Animal” e a criatividade verbal eram características que faziam parte da sua performance verbal. No ritmo narrativo, Osmar alternava entre aceleração e pausas, especialmente durante os gols, construindo o clímax com expressões como “Ripa na chulipa, pimba na gorduchinha”. Ele também integrava a publicidade de forma fluida, mantendo a continuidade da transmissão. A partir dos anos 1970, Osmar Santos contribuiu para a evolução da narração, mesclando técnica, emoção e inovação, que são referências até hoje.

Rogério Assis

1 - Grau de Improvisação x Técnica: Há um equilíbrio entre improvisação e técnica. A improvisação aparece nas jogadas imprevisíveis, como a “trombada” entre os jogadores e o chute que bate “na bunda” de Bernabei, mostrando a adaptação do narrador à natureza espontânea do jogo. A técnica é evidenciada pelo uso de termos e pela clareza na descrição das jogadas, como os passes e o controle de bola. O narrador combina reações rápidas e espontâneas.

2 - Centralidade do Narrador: Assis mantém o foco na ação e na interpretação do jogo, guiando o ouvinte e estruturando a história conforme seu ritmo e ênfase. A narração não é apenas um relato, mas uma construção ativa do momento. Ele oportuniza e coordena a participação dos integrantes da jornada.

3 - Estilo Vocal e Timbre: O trecho apresenta um estilo vocal descriptivo e técnico, com ritmo acelerado e algumas variações emocionais. Assis prioriza a fluidez e a clareza na descrição das jogadas, com um timbre funcional, sem marcas expressivas exageradas ou dramáticas na voz, que é potente.

4 - Uso de Bordões e Criatividade Verbal: O trecho mostra uso de bordões,

como “bola rola e o relógio não para”, e destaca-se pela criatividade verbal com uma voz cantarolada. “Que raquetada tomou o Raniele”, por exemplo, é uma metáfora criativa, que intensifica a imagem da agressividade do lance.

5 - Ritmo Narrativo: O lance apresenta um ritmo narrativo ágil e crescente, com frases curtas e encadeadas que acompanham a jogada até o escanteio, mantendo a tensão e o envolvimento do ouvinte.

6 - Condução do Clímax (Gol): A condução do clímax é marcada por um crescendo narrativo até o grito de gol, seguido de uma explosão emocional e um prolongamento vibrante, combinando descrição técnica com entusiasmo para valorizar o lance. Após o gol, o narrador estende a emoção, com frases como “pra vibração da Fiel!”, “Yuri Alberto faz o gol do Coringão” e a repetição de “não tem jeito, tá feito”, seu bordão.

7 - Interação com a Publicidade: A interação com a publicidade é feita de maneira fluida, sem interromper o ritmo da narração. A frase publicitária é introduzida de forma estratégica.

8 - Adaptação à Tecnologia e Convergência: Na atualidade, Rogério Assis narra tanto em um contexto de rádio *hertziano* tradicional como de rádio expandido (Kischinhevski, 2016), no qual a Bandeirantes apresenta uma jornada híbrida para a plataforma YouTube. No canal, o som é sincronizado com elementos como imagem, gráficos, palavras e letras.

9 - Referencial Estético (Show vs Informação): O trecho combina informação objetiva sobre o jogo, com atualizações claras e diretas, e elementos de show, como a vinheta e o apelo emocional de Rogério Assis, criando um equilíbrio entre a precisão informativa e a criação de uma experiência.

10 - Preservação ou Ruptura com Tradições: A explosão com o grito de “Gooooool！”, seguido pela repetição do nome do jogador “Yuri Alberto！”, é uma característica típica das narrações tradicionais, que enfatizam a emoção do momento. A passagem preserva as tradições da narração esportiva com a descrição detalhada das jogadas.

A narração de Rogério Assis prepara o ouvinte para o clímax (o gol). O

locutor possui alguns bordões e velocidade que remete ao período paradigmático Götz (2020). Assis pratica essa influência no período contemporâneo, combinando a técnica com a emoção. Trata-se de um narrador de estilo livre (Schinner, 2004), com um ritmo narrativo ascendente e cílico. O bordão “não tem jeito, tá feito!” se destaca como um exemplo clássico da sua identidade sonora. Assis também mantém a prática de inserir mensagens publicitárias durante as transmissões, o que, segundo Götz (2022), caracteriza a trajetória da narração esportiva. A publicidade não quebra o ritmo da narração, o que também é uma característica chave da própria narrativa contemporânea. Assis aplica uma modulação vocal clara e eficiente, com ênfase na fluidez e clareza. Frente à câmera da Bandeirantes, no contexto de convergência e rádio expandido, ele exerce uma narração com base na prática tradicional da função.

Considerações Finais

A análise proposta neste estudo de trechos das narrações de Fiori Gigliotti, Osmar Santos e Rogério Assis revela padrões distintos em algumas qualidades, mas interligados na evolução da narração esportiva radiofônica no Brasil, que acompanharam as próprias transformações tecnológicas, culturais e econômicas do rádio no país. Quando relacionadas à cronologia proposta por Götz (2020) - períodos desbravador, paradigmático e contemporâneo -, as performances observadas ajudam a compreender as permanências e rupturas na prática evolutiva da locução esportiva.

Em primeiro lugar, Fiori Gigliotti representa uma síntese entre o improviso típico do período desbravador e a consolidação estilística que marca a fase paradigmática. Seu estilo vibrante que foi marcado por bordões e metáforas criativas, se alinhava à narração livre descrita por Schinner (2004), em que a emoção e o espetáculo se sobrepõem à descrição técnica. Já Osmar Santos confirmou o auge técnico da fase paradigmática, proposta por Götz (2020), com um ritmo e técnica apuradas, coordenação de equipe e muitos bordões. Santos foi capaz de unir espetáculo e informação jornalística, conduzindo o ouvinte em

uma jornada tanto sensorial como informativa. Ambos mostraram que, no auge da tradição radiofônica, o narrador era figura central da jornada e o principal responsável pela sugestão de imagens auditivas no imaginário do ouvinte, ainda que cada indivíduo elabore sua própria interpretação de uma partida através da audição e visão.

O contemporâneo Rogério Assis, por sua vez, representa uma continuidade da narração, adaptada de um contexto analógico para o digital, no processo convergência midiática que também envolveu a prática, como destaca Götz (2022). Sua atuação está aliada a um estilo que mantém alguns bordões pontuais, sem a variedade proporcionada por Fiori e Osmar, mas também com técnica apurada. Em um panorama de rádio expandido (Kischinhevski, 2016), em que o meio não está mais restrito às antenas de AM e FM, Assis evidencia a manutenção de elementos paradigmáticos na sua atividade profissional, aplicadas às lógicas de consumo multiplataforma. Isso, no entanto, não representa uma renovação estrutural da linguagem ou da estética da narração esportiva, apesar do aporte tecnológico.

Os dados coletados e analisados confirmam parcialmente a hipótese inicial de que a narração esportiva radiofônica atual é uma prática em processo de esgotamento técnico. Inicia-se pela estrutura de jornada esportiva, abordada por Ferrareto (2014), que não teve alterações significativas. Quanto às questões técnicas da narração, ainda que Fiori, Osmar e Rogério possuam suas particularidades, a base é exatamente a mesma: **uma narrativa descritiva de lances**. Entende-se que essa base técnica, em concordância com o narrador José Silvério, na introdução, reforça tal afirmação. Aplicando-se uma metáfora coloquial à reflexão, os atributos individuais dos narradores seriam como um “tempero” à locução geral.

Huyssen (2000, p. 30) diz que “uma das lamentações permanentes da modernidade se refere à perda de um passado melhor”. É importante deixar claro que este trabalho não teve a pretensão de julgar qual tipo de narração, narradores ou períodos foram melhores. Cientificamente, se comprehende que, embora

existam profissionais ativos com domínio de técnicas, elementos estilísticos e talentos distintos, não se observa um declínio da prática, mas uma estagnação técnica. É fundamental reconhecer que esta pesquisa esteve limitada ao estudo qualitativo de três narradores.

Para um diagnóstico mais robusto sobre o estado atual da narração esportiva, são necessários novos estudos que ampliem o *corpus*. Uma sugestão seria ampliar a análise de mais casos contemporâneos e investigações de natureza quantitativa, capazes de mapear padrões de estilo, estratégias e recepção da audiência em múltiplas plataformas.

Acredita-se que essas pesquisas também são importantes para compreender as razões da rejeição à narração feminina no Brasil, sendo úteis para estabelecer relações com estudos como o de Julia Maria Ramiro (2021). Portanto, embora os resultados aqui apresentados apontem indícios do esgotamento técnico da narração esportiva radiofônica, eles não encerram a discussão. Abrem caminhos para investigações futuras que poderão aprofundar o debate sobre os rumos dessa prática em constante transformação, desde meados da década de 1920.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: Prática de locução AM e FM**. São Paulo: Summus, 2009.
- CHAMMAS, Alberto; NUNES, Mônica, Rebeca, Ferrari; OLIVEIRA, Letícia, Carneiro, Mottola. Fiori Gigliotti. In: PRATA, N., SANTOS, C. (orgs.). **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 308.
- CHAMMAS, Alberto; NUNES, Mônica, Rebeca, Ferrari; OLIVEIRA, Letícia, Carneiro, Mottola. Osmar Santos. In: PRATA, N., SANTOS, C. (orgs.). **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 317-318.
- FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Revista Eptic**. Sergipe, v. 14, n. 2, p. 1-24, mai/ago.2012.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- FUTNÁTICO. José Silverio e Fiori Gigliotti Final Paulista 82 Corinthians 3 x 1 São Paulo Completo. **YouTube**, 15 mar. 2023. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=F9CuG5hfjjY&t=3175s>. Acesso em: 25 mar. 2025.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **A narração esportiva no rádio do brasil: uma proposta de periodização histórica.** Âncora.João Pessoa, n.1, p. 66-86, 2020.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **A narração de futebol no contexto de rádio expandido.** 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. O início da narração esportiva no rádio brasileiro: as transmissões pioneiras. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil et al(Org.). **Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re) construção.** Ijuí: Editora Unijuí, 2020, p. 79-95.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais:** mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação.** Florianópolis: Insular, 2001.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da Seleção Brasileira. **Letra. Imagen. Sonido. Ciudad Mediatizada.** Buenos Aires, n. 15, p. 147-165, 2016.

MUSEU do futebol. Osmar Santos. São Paulo: **Museu do Futebol**, [2019.]. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/479738/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

OSMAR Santos Gols Históricos. OSMAR SANTOS Corinthians 1x0 Palmeiras Completo Final Paulistão 06/06/1993. **OSMAR Santos Gols Históricos.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ARF3hJG-HiA&t=4015s>. Acesso em: 2 mai. 2025.

PORTAL dos Jornalistas. Rogério Assis. São Paulo: **Portal dos Jornalistas**, [2017.]. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/rogerio-assis/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

RÁDIO Bandeirantes. Entrevista com Rogério Assis. **Bandeirantes**, 7 jun. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OVtC9augKyY>. Acesso em: 20 abr. 2025.

RÁDIO Bandeirantes. Corinthians x Internacional - Campeonato Brasileiro - 03/05/25 - Rogerio Assis e Zaidan e Ronaldo. **Bandeirantes**, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FXaRSZG0dK0&t=6870s>. Acesso em: 5 mai. 2025.

RAMIRO, Julia Maria. **Por que as mulheres não narram futebol no Brasil?** 2021. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10407>. Acesso em: 1 mai. 2025.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos:** como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Panda, 2004.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio:** oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Annablume, 1999.

SILVÉRIO, José. Entrevista concedida a autor. Realizada via Zoom, São Paulo, 6 set. 2021.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar:** o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

UOL. Pesquisa: vôlei e F1 são esportes mais acompanhados no Brasil após futebol. **UOL**, São Paulo, 14 maio 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/05/14/pesquisa-volei-e-f1-sao-esportes-mais-acompanhados-no-brasil-apos-futebol.htm>. Acesso em: 10 abr. 2025.